

Somos todos terráqueos

Bandeira do veganismo, o documentário *Earthlings* sinaliza um passo, ainda titubeante, em direção à mudança da relação entre homens e animais.

Por Marta Kanashiro



“As imagens que você está prestes a ver não são casos isolados. Estes são os padrões da indústria de animais de estimação, alimentação, vestuário, entretenimento e pesquisa. A discrição do espectador é aconselhada”. Com esse aviso, seguido da definição de terráqueos: “substantivo: habitantes da Terra” e a imagem de nosso planeta visto do espaço, começa o documentário [Earthlings. Make the connection](#) (2005), que ficou conhecido no Brasil apenas como *Terráqueos*.

Apesar de ter sido lançado há 6 anos e de ter circulado bastante nas redes sociais pela internet e, em meio a vegetarianos, veganos, ambientalistas e simpatizantes, o documentário merece ser retomado neste momento em que seu diretor Shaun Monson anuncia, para 2012, o lançamento de *Unity. The ultimate goal of your life*, o segundo volume da trilogia iniciada com *Earthlings*.

Shaun Monson é ativista de direitos humanos, animais e ambientais e fundador da [Nation Earth](#) uma organização que busca desenvolver e repercutir o que eles chamam “mídias educacionais”, de fato, filmes e documentários voltados às causas pelas quais Monson milita. *Earthlings* tem, portanto, uma forte carga militante e, desde o seu lançamento, tornou-se bandeira da causa vegana, ganhou prêmios em três festivais de documentários (em Boston e em San Diego – EUA – e no Artivist), disseminou-se pelas redes sociais e caiu no gosto de celebridades – talvez pela narração do documentário ser feita pelo ator Joaquin Phoenix, vegano e membro do People for the Ethical Treatment of Animals (Peta), organização que conta com a presença de vários vegetarianos e veganos famosos.

Dividido em cinco partes (animais de estimação, alimento, vestuário, entretenimento e ciência) o documentário busca conscientizar ou convencer sobre a importância de não consumir qualquer produto que tenha origem animal ou que tenha causado sofrimento aos animais. Embora muitos associem o vegetarianismo com o veganismo, este último inclui não apenas a negação do consumo de proteínas animais, mas também de vestuário proveniente de animais (como couro e peles); cosméticos, produtos de limpeza, alimentos e outros que tenham sido testados em animais; qualquer tipo de esporte ou entretenimento que os utilize, ou seja, desde corridas de cachorros e touradas até circos, e, por fim, pesquisas e estudos que utilizem animais ou a realização de vivissecção.

As imagens do filme são oriundas de uma ampla pesquisa feita, algumas vezes, com câmeras escondidas, em laboratórios de pesquisa ou de testes, matadouros, criadouros de animais e outros espaços focalizados pelos veganos. O tom das sequências é de denúncia a partir de cenas chocantes sobre o tratamento sofrido pelos animais e, se por um lado pode servir como alerta para a necessidade de estabelecer uma nova relação entre homens e animais, por outro choca a ponto de provocar uma certa paralisia. Tal qual alguns filmes ambientalistas, como por exemplo [Uma verdade inconveniente](#) (2006), *Earthlings* apresenta um cenário chocante e catastrófico sem apresentar proposições ou alternativas.

No Brasil, alguns documentários seguem um modelo similar de abordagem, mas arriscam um pouco mais no alcance de seu debate. Esse é o caso de um dos vídeos produzidos pela ONG [Instituto Nina Rosa](#), *Não matarás* (2006), que tematiza a utilização de animais em laboratórios e centros de pesquisa. Apesar de incorrer no artifício das cenas chocantes, apresenta depoimentos de vários pesquisadores em universidades brasileiras que sinalizam alternativas ao quadro atual de testes ou da vivissecção. Já em *A carne é fraca* (2004), vídeo também produzido por essa ONG, as soluções desaparecem, o show de horrores predomina, mas há uma série de depoimentos interessantes que fundamentam melhor o veganismo, inclusive como uma opção política. Neste vídeo, vale ressaltar especialmente os depoimentos do jornalista Washington Novaes e do professor de direito da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Christian Guy Caubet.

Mesmo sinalizando, em seu início, que tratará de padrões industriais (portanto, de um modo de produção), *Earthlings* peca por essa ausência de alternativas práticas e de fundamentação daquilo que poderia lhe conferir um teor político mais sólido, tornando o choque e a crueza das cenas um tanto vazias desses sentidos.

Por outro lado, o documentário tem o mérito de promover um deslocamento da centralidade do homem, colocando-o como igual a todos os animais, seja por sermos todos terráqueos, ou pelo reconhecimento das possibilidades de expressão e sensação dos animais, isto é, todos igualmente reagimos à dor, ao frio, à fome e expressamos isso.

No centro dessa tentativa de mudar a relação de dominação que o homem exerce sobre os animais, está o conceito de especismo, que por analogia aos termos racismo e sexismo, sinaliza uma forma de preconceito ou atitude tendenciosa em favor dos interesses de uma espécie, contra membros de outras espécies. Nesse sentido, os homens utilizam outros animais (que não os de sua própria espécie) para o suprimento de suas necessidades, desconsiderando ou ignorando o sofrimento que causam.

As relações de dominação e poder estão, portanto, tematizadas, assim como uma certa herança do veganismo em relação a outros movimentos sociais. Mas ao não privilegiar os fundamentos que tornam o veganismo uma opção política, *Earthlings* acaba se afastando do que pode ser a principal força desse movimento.

Essa força está justamente naquilo que agrega uma série de movimentos que parecem, à primeira vista, opções muito individuais, mas que demonstram questionar de forma capilar algo mais amplo, como o modo de produção no capitalismo. Por exemplo, a produção e o consumo de alimentos orgânicos pode ser vista como uma opção individual por saúde, de forma mais ampla como solução ambiental e, no limite, como um questionamento do modo de produção em larga escala, que privilegia a monocultura e envolve grandes corporações.

Earthlings parece não alcançar justamente esse potencial da causa vegana privilegiando uma espécie de “choque conscientizador”. O [trailer](#) do próximo documentário (*Unity*) exhibe imagens que sinalizam a possibilidade de suprir essa ausência. A expectativa, enfim, é que em algum momento a trilogia de Shaun Monson possa mostrar, de verdade, a que veio e que isso esteja associado a uma reflexão do próprio movimento sobre seu alcance e potencialidade.

Earthlings. Make the connection

Direção: Shaun Monson

Ano: 2005